

O MITO DE ENÉIAS E A ELEGIA DE PROPÉRCIO

João Ângelo Oliva Neto
(FFLCH-USP)

Abstract

This essay intends to establish the myth of Aeneas as the reason of some difficulty that the elegiacs found to touch their very theme-love, as seen in the work of Sextus Propertius. Considering that his leaving Dido behind signifies the overcoming of Love's vulnerability in the Roman civilization, it's shown that once for all the higher designs of Jupiter are preferable and more important even when Love may come from a goddess, from so near a person to Aeneas as his mother Venus. Then it's shown that there's a necessary link between the elegiac mode and peace as a theme and as a manner of opposing to the epic war-like subjects. Naive as it may be, Love belongs to the divine sphere in which everything alive is preserved; this divinity, that the Romans received from the Greeks, is what is most cared to by the elegiacs, in the person and figure of Venus, mother of Julia race.

Ah, happy, happy boughs! that cannot shed
 Your leaves, nor ever bid the Spring adieu:
 And, happy melodist, unwearied,
 For ever piping songs for ever new;
 More happy love! more happy, happy love!
 For ever warm and still to be enjoy'd,
 For ever panting, and for ever young;
 All breathing human passion far above,
 That leaves a heart high-sorrowful and cloy'd,
 A burning forehead, and a parching tongue.

(John Keats)

O que se propõe falar toca o que por natureza é inefável, pelo que, falado, se faz nefando: o Amor, que, nestes coevos tempos, pode ser desgraçadamente nefasto. O outro risco, o do Amor como tema, é o próprio fato de ser tema, coisa posta, alheia a sua intrínseca humanidade, e, por outro lado, na vã aspiração de Amor dar-se como intensidade, deságua em diluídas soluções sentimentais. Entenda-se, pois, de imediato, o Amor como exibição da fundamental condição segmentada do Homem, já que é manifestação de uma carência (falta e precisão) do outro pelo fato mesmo de ser o Homem limitado, sexuado (sexo: radical *sec-, de "cortar", "dissecar"), e também entenda-se Amor a contraparte da mortalidade do Homem, feliz força fecundante, genetriz e preservadora da vida¹. Este, digamos, seja um primeiro aspecto da condição amorosa do ser humano.

Com isso em mente, o que se quer mostrar é o fundamento mítico da significação do Amor na civilização romana, enquanto Estado e Império. É revelar como o mito redutivo, quer dizer, a poesia, capta e instaura essa significação que, neolatinos, herdamos. O mito essencial é o de Enéias, que origem das origens dos romanos, é também a filiação romana de Vênus, tal como ocorre em Vergílio e Ovídio. Em seguida, vai-se tentar interpretar o sentido da elegia erótica de Propércio, o Amor enquanto exercício verbal (e ficcional) mas político, ainda que difícil.

Tanto o canto IV da *Eneida* quanto a *Heróide VII* de Ovídio revelam a posição primordial do Amor em Roma. Troiano derrotado, Enéias persegue seu divino fado de estabelecer outra civilização, que não só substitua a primeira, mas a supere, por não carecer daquilo cuja falta fora a ruína daquela. Para tanto, para tal aprimoramento, o herói enfrenta como que uma série de provas iniciáticas, das quais o episódio em Cartago é o mais relevante, pois, então é quando ele se depara com o problema amoroso,

1 - Cf. "É desse modo que tudo o que é mortal se conserva, e não pelo fato de ser o mesmo como o que é divino, mas pelo fato de deixar o que parte e envelhece um outro ser novo, tal qual ele mesmo era. É por esse meio, ó Sócrates, que o mortal participa da imortalidade, no corpo como em tudo o mais; o imortal porém é de outro modo. Não te admires portanto de que seu próprio rebento, todo ser por natureza o aprende: é em virtude da imortalidade que a todo ser esse zelo e esse amor acompanham" Plat. *Symp.* 208 b; trad. Cavalcante de Souza).

cuja superação exaure a substância de seu carácter troiano e o dirige ao que será o romano². Enéias comparticipa da queda de Ílion, de maneira evidente, enquanto concidadão e soldado, e, de maneira tácita, enquanto filho de Vênus, deusa de quem o devoto Páris foi um dos inexoráveis pólos trágicos causadores da queda da cidade. Veja-se oportuna fala de Jarbas, quando sabedor dos amplexos de Dido e Enéias:

**"Femina... conubia nostra
reppulit ac dominum Aeneam in regna recepit.
Et nunc ille Paris cum semiuero comitatu,
Maeonia mentum mitra crinemque madentem
subnixus, raptu potitur: nos munera templis
quippe tuis ferimus famamque fouemus inanem."** (Aen. IV 211-8)

"Mulher... as bodas repulsou-nos,
No reino admite por senhor a Enéias!
E esse Páris, guiando uns semíviros,
Guedelha mádida em meônia mitra
Sob o mento enlaçada, o rapto logra:
Templos encher-te, fomentar nos baste
Estéril nome!" (trad. de Manuel Odorico Mendes).

É imperioso observar a tragicidade, moira de Páris, mesma de Tróia, dilacerada entre a necessidade sem lei da força amorável de Vênus, Deusa, e a circunstância beligerante do conflito com os Atridas, amados de Ares. Este dilema – Amor/Civismo – é o que Enéias supera; este mesmo, como a Tróia, é o que perde a Dido, submissa às malhas entretecidas por Vênus, aprazível, e Juno, uxória. O herói pretere a funesta dicotomia, exortado por Mercúrio, a mando de Júpiter, evitando assim o confronto iminente com Jarbas:

**"Bella tument; bellis peregrina et femina temptor
Vixque rudis portas urbis et arma paro;"** (Ov. Her. VII 121-2)

"Guerras fermentam; por guerras, estrangeira e mulher, sou ameaçada, e a custo apronto portas e armas de rude cidade" (tradução nossa) e na *Eneida*:

**"Quid moror? an mea Pygmalion dum moenia frater
destruat aut captam ducat Gaetulus Iarbas?"** (Aen. IV 325-6)

"Que mais me falta? que os fraternos muros
Pigmalião me tale? que à Getúlia
Seu rei me leve escrava?" (trad. Manuel Odorico Mendes)

Todo instante crucial que, intenso e agudo, é o momento de decisão na vida de alguém,

2 – Cf. **At puer Ascanius, cui nunc cognomen Iulo
Additur (Iulus erat, dum res stetit Ilii regno).**

"Ascânio, que hoje Iulo cognominam (Ilo, enquanto florente Ílion se teve) (Verg. Aen. I 267-8; trad. Odorico Mendes). Independente da veracidade etimológica, a expressão de Vergílio iconiza a descendência troiana da **gens Iulia**, e sua progressão ao carácter romano, explicitado, aliás, pela viagem de Enéias até seu ingresso no Lácio.

é arcaicamente considerado aparição divina. Virgílio, não sendo embora arcaico, é poeta, em contacto, pois, com a profundidade das forças eternas e do Ser romano, e percebendo a natureza do Mito, concebe a decisão de Enéias, como suma presença de Júpiter:

**"Quid struit? aut qua spe inimica in gente moratur
nec prolem Ausoniam et Lauinia respicit arua?
Nauiget! haec summa est, hic nostri nuntius esto."** (Aen. IV 235-7)

"Que faz? que espera entre inimiga gente?
Nem lhe importa Lavino e a prole ausónia?
Navegue: em suma, esta a mensagem; parte."(trad. Manuel Odorico Mendes)
diz ele a Mercúrio, arauto dos Deuses:

**"...Tu nunc Karthaginis altae
fundamenta locas pulchramque oblite tuarum!
ipse deum tibi me claro demittit Olympo
regnator, caelum ac terras qui numina torquet;"**(Aen. IV 265-9).

"Que! lanças de Cartago os alicerces
E lindos muros maridoso traças?
Teu reino, ah! tudo esqueces! O alto nume,
Cujo acenar abala o Olimpo e o mundo,
Veloz do claro pólo a ti me envia..." (trad. de Manuel Odorico Mendes).

A alteza de tal presença, estabelecida por **summa**, pelo majestático **nostri**, por **magnum imperium** (v. 239-40), por **regnator deum**, marca, além da gravidade da decisão, o **decoro**, a **decência** próprios da divina missão de Enéias, a que se deve submeter e resignar-se. Entretanto, esta é só a parte final e reta, pois vem de Júpiter, de um recurvo percurso intenções iniciado por Vênus: esta inflama Dido, que acolhe Enéias, de cujo amplexo, pela Fama, Jarbas se torna conhecedor, pelo que impreca a Júpiter, seu pai. A superação da vulnerabilidade amorosa de Enéias, enquanto troiano como Páris, é não ceder à imediatez do arrebatamento amoroso com Dido. Compreende-se, assim, a razão de Vênus, Deusa sua mãe, não lhe manifestar diretamente para demovê-lo da rainha de Cartago no âmbito religioso do Mito, tal aparição significaria a presença do amor como efeito e experiência, como estar amando Dido. De fato, no cantor I, Vênus aparece ao filho, já em Cartago, na figura de uma caçadora espartana:

**"uirginis os habitumque gerens et uirginis arma
Spartanae..."** (Aen. I 315-6)

"Virgem no traje e aspecto, em amas virgem
Lacena:" (tradução de Manuel Odorico Mendes)
e reconhecida, parte sem dizer-lhe as razões:

**"...Ille ubi matrem
anouit, tali fugientem est uoce secutus:
'Quid natum totiens, crudelis tu quoque, falsis
ludis imaginibus? Cur dextrae lungere dextram
non datur ac ueras audire et reddere uoces?'
Talibus incussat gressumque ad moenia tendit.**

**At Venus obscuro gradientis aere saepsit,
et multo nebulae circum dea fudit amictu,
cernere ne quis eos neu quis contingere posset
moliriue moram aut ueniendi poscere causas. (Aen. I 405-15)**

"Ele atrás da mãe fugiente,
Reconhecendo-a, brada: 'Por que o filho
com tais ficções, cruel, enganas tanto?
Ligar destra com destra, ouvir-te às claras,
Conversar-te em pessoa me é defeso?'
Tal a argúi, e às muralhas se endereça.
Ela porém de ar fusco os viandantes
Tapa e os embuça em névoa, que enxergá-los
Ou tocar ninguém possa, nem detê-los
Ou da vinda informar-se." (trad. de Manuel Odorico Mendes).

Em Ovídio, Dido roga a Amor, filho de Vênus, que enlace o duro irmão:

**"Parce, Venus, nurui, durumque amplectere fratrem
Frater Amor!..." (Ov. Her. VII 31-2)**

"Poupa, Vênus, a nora e tu, Amor, seu irmão, enlaça teu duro irmão" (tradução nossa) e o editor, exatamente nesse passo, observa: "En s'attachant à lui, il lui communiquera de l'amour pour Didon³". Conseqüentemente, o elegíaco estabelece explicitamente a impassibilidade amorosa do filho da Deusa do Amor, logo adiante:

"Matris ab ingenio dissidet ille suae" (Ov. Her VII 36)

"Dos dons de sua mãe afasta-se ele" (tradução nossa). A **pietas** de Enéias manifesta-se como sanidade ao morbo erótico que afetara Dido:

**"At regina graui iam dudum saucia cura
uolnus alit uenis et caeco carpitur igni." (Aen IV 1-2)**

"Já traspassada, em veias cria a chaga,
E se fina a rainha em cego fogo." (trad. de Manuel Odorico Mendes) e prossegue seu fado e viagem, decidido, resoluto; o termo usado por Virgílio e Ovídio para designar essa condição de Enéias é o mesmo adjetivo **certus** de verbal de **cerno** 'dicer-nir', por sua vez cognato do verbo grego **krfno** cuja ação é **krfsis**, ruptura:

**"Interea medium Aeneas iam classe tenebat
certus iter fluctusque atros Aquilone secabat" (Aen. V 1-2)**

"Firme o herói já dirige ao meio a frota,
Com a Aquilão talhando as negras vagas; (trad. de Manuel Odorico Mendes) e

**"Certus es ire tamen miseramque relinquere Didon,
Atque idem uenti uela fidemque ferent?
Certus es, Aenea, cum foedere soluere naues...?" (Ov. Her VII 9-11)**

“Estás decidido, então, a partir e deixar a infeliz Dido? os mesmos ventos as velas levarão e tua promessa? estás decidido, Enéias, a desatar o teu pacto e os navios?” (tradução nossa). E Enéias navega decidido e vê brilhar o fogo (**ignem**, **Aen V 2**) que incinera Dido, sem que ele saiba, e que é o mesmo fogo (**Aen IV 2**) que por ele ardia nas veias dela. A dureza inconcussa há de ser aos latinos, não a seriedade estéril dos que renegem o venusto e o agradável antes mesmo de sua aparição e feliz exercício, mas a árdua devoção a mais altos e distantes Deuses, sob cuja influência se erguem os edifícios da nossa realidade.

Essa é a contingência mítica, portanto sensível, do exercício poético de Propércio e é a causa de sua dificuldade, que é tanto maior, quanto mais o poeta, uma vez pertencente ao círculo de Mecenas, deva consoar sua atividade poética à atividade política de Augusto. A maneira imediata de efetivar-se tal consonância era a poesia épica, afeita, segundo se pensava na época e muito se pensou depois, aos desígnios bélicos e imperiais de Otaviano e quem quer que seja ⁴. A maneira mediata era a colaboração dos poetas na restauração, propugnada pelo imperador, dos antigos valores morais e religiosos, já em dissolução, do povo romano. Dimensões respectivas da vida militar e da civil, perfazem o universo, oficial ao menos, da vida romana e são literalmente as prescrições daquilo que convinha escrever. Em tal universo, portanto, não há lugar para o tema amoroso de forma positiva, sem implicações, como só celebração, mas, ao contrário, ele mesmo é o modo por que se recusa aderir àquela política. Aparentemente ingênuo, o Amor, enquanto manifestação do sagrado e do eterno, subverte as perspectivas dos projetos arrazoados e das experiências cotidianas e consensuais, fazendo expandir-se o âmbito pessoal dos amantes a ponto de coincidir e harmonizar-se com a totalidade das forças regeneradoras da vida e com a totalidade do Mundo:

In her a particular and magnificent form of existence is regarded as divine. Because she denotes a permanent reality which draws everything into her power, and bestows her spirit and impresses her character upon the whole realm of the elemental and the living, she is a world – and for the Greeks this means a divinity. And what is the quality of this eternal being? It is the ensnaring, heart-winning splendor in which all things and the whole world stand before the eye of love, the rapture of propinquity and fusion into oneness, whose magic draws the contact of limited creatures into boundless dissolution... Everything charming, winning, and amiable, be it figure or gesture, speech or action, is named after her (**epaphroditos** in Greek, **uenustus** in Latin) ⁵... Here the notion of divine essence and power proceeds not from the desiring subject (as in the case of Eros) but from the beloved object. Aphrodite is not the loving one: she is the beauty and smiling charm; she enraptures. Note the urge to take possession comes first, but rather the magic of an appearance that draws irresistibly into the ravishment of union ⁶.

Muito mais do que aspecto filosófico, esta seja a totalidade do Amor, seu caráter mais substancial e amplo, em que se identificam a Vênus invocada por Lucrécio, a cantada por Virgílio, e todos os líricos e elegíacos, como a Deusa única, designada pelo

4 – A vinculação da épica com tema bélico é legado da própria latindade: nas suas origens gregas, a épica apresenta como tema principal, na **Ilíada**, a cólera de Aquiles, e na **Odisséia**, as muitas errâncias de Ulisses.

5 – Otto, 1983: 100.

6 – Otto, 1983: 101.

mesmo nome de Vênus, força cósmica de perpetuação em estado de eterna potência, que todos os que são verdadeiramente poetas fazem brilhar, ainda que num átimo e a despeito de suas pessoais convicções. A obra de Propércio, nesse sentido, e na circunstância histórica do mecenato de Otaviano, é, a seu modo, o esforço de inscrever-se nessa tradição mítico-poética, com o que recusa aquele serviço épico e aquele culto oficial, pelo menos até a publicação do seu quarto livro.

Como todos os que entenderam o sentido histórico da latinidade e do clássico em si, que só foi possível com a **Pax** de Augusto, Propércio anseia filiar-se ao que então já é tradição, representada pela cultura greco-helenística, sem, no entanto, abdicar do caráter romano, mas, ao contrário, colaborando no sentido de que tal tradição viesse a ser Greco-Romana. A primeira elegia do livro III articula essa ansiedade de participar da tradição ao aspecto amoroso, vale dizer, não bélico, por realizar uma por meio da outra, dialecticamente. O legado helênico é presentificado pelos nomes de Calímaco e Filetas, invocados no primeiro verso e o ingresso iniciático – **in ire**, v. 1; **ingredior**, v. 3; **ingressi**, v. 6 – tem como âmbito, como lugar onde se ingressa, o sagrado bosque da poesia – **uestrum nemus**, v. 2 e **antrum**, v. 5 – e ocorre na medida em que alimenta a latinidade com os metros gregos:

**"...primus ego ingredior puro de fonte sacerdos
Itala per Graios orgia ferre choras ⁷." (Prop. III 1, 3-4)**

"sou o primeiro, sacerdote de pura fonte, a começar trazer as danças gregas aos mistérios itálicos (esta bem como as subseqüentes traduções são nossas). O fulcro da passagem é a adoção de Apolo só como senhor da lira, da poesia, e não do arco, da luta:

"a ualeat. Phoebum quicumque moratur in armis! (Prop. III 1, 7)

"Que se vá quem quer que mantenha Febo em armas" Elevado pela Musa, o poeta terá a companhia dos Amores seguidos por um grupo de **escritores**:

**"...et a me
nata coronatis Musa triumphat equis,
et mecum in curru parui uectantur Amores, scriptorumque meas turba
secuta rotas." (Prop. III 1, 9-12)**

" e a Musa invocada por mim desfila triunfal em coroados corcéis e me acompanhem em cortejo os pequenos Amores e escritores em multidão trilhem meus caminhos". A poética lírica, **naturaliter** vizinha da amorosa, traz em si a proposta de paz, oportunidade do exercício amoroso e que é o objetivo ulterior de Propércio. Nesta

7 – Cf. Dicar[...]princeps Aeollum carmen ad Italos/deduxisse modos (Hor. Carm III 3 10, 14-5): "serei considerado o primeiro a ter trazido o canto dos eólios aos metros itálicos" (trad. nossa). O notável nos dois poetas é estabelecerem seu ingresso no legado grego por TRAZEREM (**ferre** em Propércio; **deduxisse**, em Horácio) este mesmo legado à romanidade, voltados a ela, manifestando não existir qualquer concorrência de latinos com gregos.

Propércio. Nesta mesma elegia, aborda nominalmente a paz ao opor-se, não sem ironia aos enaltecedores da grandeza imperial:

**"multi, Roma, tuas laudes addent,
qui finem imperii Bactra canent:
sed, quod pace legas, opus hoc de monte Sororum
detulit intacta pagina nostra uia."** (Prop. III 1, 15-8)

"muitos, Roma, acrescentarão tuas glórias aos anais, aqueles que venham a cantar que a Bactra será o limite do Império: mas o que leias (recolhas) em tempo de paz, esta obra, trouxe-a do monte das Imãs minha página por uma via ainda não tocada." E de resto, em vários passos de sua obra, é recorrente a poesia erótico-pacifista em oposição à épica-beligerante. São notáveis:

Pacis Amor deus est, pacem ueneramur amantes... (Prop. III 5, 1)

"O Amor é o deus da paz, a paz, amantes, nós veneramos", em que se reúne amor, paz e Vênus (na raiz de *ueneramur*);

Calve, tua uenia, pace Catulle, tua (Prop. II 25, 4)

"Com tua permissão, Calvo, e Catulo, com tua paz", em que se dirige aos neotéticos, pedindo de cada um o que é necessário ao seu amor;

**"o nimium nostro felicem tempore Romam
si contra mores una puella facit!
haec eadem ante illam et Lesbia fecit."** (Prop. II 32, 43-5)

"Ó Roma muito feliz, se em nossos tempos, uma só jovem agisse contra os costumes! Estas mesmas ações, antes dela, também Lésbia já cometeu, sem danos" (trad. nossa), em que menciona a Lésbia de Catulo, que não é senão a homenagem deste a Safo de Lesbos⁸, servidora das Musas e de Afrodite, reconhecendo que o legado grego já era romano em Catulo, com quem tem certa afinidade de tom. E não é sem ironia que adverte Pôntico, duvidoso poeta épico, de que um verso de Mimnemo, no amor, vale mais do que um de Homero (Prop. I 9-11) e de que o amor tardio chega com grande custo, lembrando o amor na madureza de Drummond, como não é sem ironia que assiste a partida de soldados para a guerra desejando presenciar seu retorno triunfal, apoiado em sua amada, contentando-se só com ver; entretanto, ainda há uma instância em que se reúne com os soldados, servidores de Marte: o desejo de preservação da prole romana:

**"ipsa tuam serua prolem, Venus: hoc sit in aeuum,
cernis ab Aenae quod superesse caput"** (Prop. III 4, 21-62).

"Tu mesma, Vênus, preserva tua prole: que para sempre exista esta fronte que dicernes altanera sobre a raça de Enéias." A prole romana é vista como descendente

8 – Não só o cognome *Lésbia* é menção a Safo de Lesbos, como o metro sáfico menor, empregado duas vezes por Catulo nos poemas 11 e 51, este praticamente uma tradução do fragmento 2 segundo Diehl.

de Vênus, mais do que de Marte, embora o mito também o estabeleça. Ovídio, a comprovar este epifenômeno elegíaco, justamente na sua **Ars Amatoria**, diz:

"Mater in Aeneae constitit urbe sua" (Ov. *Ars Am* I 60).

"A Mãe estabeleceu sede na cidade de seu filho Enéias" (trad. nossa)

A ironia deve ser entendida como o grau da possibilidade de Propércio exaltar a plenitude divina do Amor, ainda que o tom seja aparentemente superficial. Por ser possibilidade, é o que lhe é cabível, como lote de sua vida terrena, como fado, de forma que importa menos ou nada um seu possível amor com uma certa Cíntia possivelmente histórica, diante do carácter sacro das forças que nos fazem existir e das quais talvez não nos demos conta. A superficialidade, risco da sua audácia, afere quão o grau da nossa adesão ao que combate, ou aquele da nossa repulsa ao que anseia.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

OBRAS GERAIS E ESPECIAIS.

- BICKEL, E. **Historia de la literatura romana**. Madrid, Gredos, 1982.
GENTILI, B. et al. **Storia della letteratura latina**. Roma-Bari, Laterza, 1987.
LESKY, A. **Historia de la literatura griega**. Madrid, Gredos, 1983.
OTTO, W. F. **The homeric gods**. New York, Octagon, 1983.
PREVOST, M. **OVIDE Heroïdes**. Paris, "Les Belles Letres", 1928.

TEXTOS.

- OVIDE. **Heroïdes**. Paris, "Les Belles Lettres", 1928.
PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
PROPERZIO. **Elegie**. Milano, Rizzoli, 1987.
VIRGILE. **Énéide**. Paris, "Les Belles Lettres", 1981.
VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo, Cultrix, 1985.